

**Teoria tradicional e teoria da linguagem:
outras considerações à luz da pragmática cultural**

**Traditional theory and language theory:
other considerations in the light of cultural pragmatics**

JAIR SOARES DE SOUSA¹

CLAUDIANA NOGUEIRA DE ALENCAR²

Resumo: Problematiza-se a teoria tradicional que estabelece o poder do sujeito cognoscente em relação ao objeto cognoscível, e a teoria da linguagem baseada na pragmática cultural que entende a linguagem como práxis social e defende os sujeitos “juntos”, e não apartados em relação à produção do conhecimento sobre a linguagem. Para isso, dialogamos com a cartografia e a pragmática cultural como pesquisa participante. Ao analisar as referências, percebe-se que a teoria da linguagem de visão dominante e separada da esfera social da qual a linguagem e a linguística fazem parte, é um tanto nociva às propostas que consideram o sujeito como potencialidade criativa que contribui para tornar os estudos da linguagem próximos das realidades sociais, produzindo novos devires e transformações sociais.

Palavras-chave: Teoria tradicional. Sujeito-Objeto. Pragmática Cultural.

Abstract: The traditional theory, which establishes the power of the knowing subject in relation to the knowable object, and the theory of language based on cultural pragmatics, which understands language as social praxis and defends subjects “together”, and not separated in relation to each other, are problematized. to the production of knowledge about language. For this, we dialogue with cartography and cultural pragmatics as participatory research. When analyzing the references, it is noticed that the theory of language from a dominant perspective and separated from the social sphere of which language and linguistics are part, is somewhat harmful to proposals that consider the subject as a creative potential that contributes to make studies of language close to social realities, producing new developments and social transformations.

¹ Mestrando em Linguística Aplicada e membro do Grupo de Pesquisa em Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PRAGMACULT), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Programa de Extensão Viva a Palavra. E-mail: jairsoares85@gmail.com

² Possui licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, mestrado e doutorado em Linguística pela Unicamp e pós-doutorado em Semântica/Pragmática também pela Unicamp. Atuou como professora visitante na Universidade de Oxford (2020) e pesquisadora visitante na Universidade de Birmingham -UK (2002-2003; 2019-2020). Coordena o Programa "Viva a Palavra: circuito de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza. Pesquisa as performances, gramáticas culturais e jogos de linguagem na arte e na cultura de coletivos culturais juvenis da periferia, por meio das práticas dos saraus, das mediações de leitura, das vivências cenopoéticas, das bibliotecas livres e da escrita de mulheres na literatura marginal-periférica, com ênfase nas gramáticas de resistência feminina das poetisas negras da periferia. E-mail: claudiana.alencar@uece.br

Keywords: Traditional theory. Subject-Object. Cultural Pragmatics.

A mente é do corpo inteiro. Como animal, o que percebo e sinto não se reduz ao que vejo e racionalizo com gente (Ray Lima).

Introdução

Definir de forma meramente teórica o que seja uma teoria e, sobretudo, uma teoria da linguagem, torna-se um incômodo, se considerarmos que essas duas máximas necessitam de um aprofundamento crítico, político e social. Sabe-se que, durante séculos, houveram diversas concepções tanto de teoria como de uma teoria da linguagem que, de certa forma, ainda nos causam aversão. Essas concepções nascem da tradição filosófica grega (clássica), passa pela tradição medieval, com a patrística e a escolástica, desemboca na modernidade e, posteriormente, na contemporaneidade.

A concepção tradicional de teoria da linguagem buscou dar certa centralidade exclusivamente a um sujeito pensante individualizado e deixou de lado a importância dos falantes em sociedade, suas dimensões sociais, culturais e históricas que compõem o sujeito da/na linguagem. Entende-se que o problema de uma teoria da linguagem centrada numa visão dominante e focada exclusivamente na mente de um sujeito puro e apartado da esfera social e cultural, da qual a linguagem e a linguística fazem parte, necessita de um olhar mais questionador.

Tal concepção tende a deixar de lado, propostas que consideram o sujeito e o objeto enquanto potencialidades criativas que contribuem para tornar os estudos da linguagem mais próximos das realidades sociais e, principalmente, para produzir novos sentidos e significados que possam contribuir para transformar a própria esfera social. Um exemplo real dessas propostas é o Programa de Extensão Viva a Palavra³, vinculado ao curso de letras da Universidade Estadual do Ceará

³ Criado entre 2014 e 2015, o Programa Viva a Palavra é um Programa de Extensão vinculado ao curso de letras que pretende fortalecer e ampliar as práticas de letramento crítico da

(UECE), que entende a linguagem como ação-reflexão-ação e envolve as juventudes da periferia de Fortaleza, aprendendo com as gramáticas de resistência dessas juventudes e movimentos sociais e culturais das comunidades.

A vertente eurocêntrica que fundou os pressupostos estruturantes de uma teoria/ciência encarregou-se de apartar a relação sujeito e objeto, tanto no campo das ciências naturais como sociais e, principalmente, da linguagem. Compreende-se que uma teoria de vertente ocidental tem como fundamento extrair a essência dos fenômenos que ocorrem na objetividade da natureza, nas práticas de linguagem dos sujeitos e nas relações sociais e, a partir dessa extração, definir o que seja realmente perfeito e verdadeiro, excluindo o que é supérfluo e desprovido de alma.

Analisando de forma crítica, essa concepção de teoria foi também a grande responsável pelo surgimento de diversos tipos de violências, guerras, ideologias conservadoras e obscurantistas, além de outros problemas que surgem no campo da linguagem. Basta lembrarmos o que significaram as teorias que orientavam o chamado arianismo (povos nórdicos e germânicos) da Alemanha de Adolf Hitler (1889-1945), ou seja, uma linhagem essencial e mais pura de sujeito em contraposição aos outros indivíduos, que, para os alemães, não possuíam qualidades, pureza e perfeição. Era o caso dos negros, homossexuais, ciganos (Romani), judeus, testemunhas de Jeová e outros. A linguagem exercida pela política nazista era de dominação, exclusão, medo e morte ou, como afirmou o filólogo Victor Klemperer (1881-1960), em sua obra *LTI Lingua Terti Imperii* (1947), a linguagem do III Reich.

Neste sentido, questionar e refutar a noção de teoria e a de teoria da linguagem de vertente ocidental é perceber que os essencialismos e as regras estabelecidas pela normatividade teórica foram responsáveis por definir as línguas de países asiáticos, africanos e latino-americanos por parte dos europeus, além de incentivarem os diversos genocídios culturais, quando usam da prerrogativa de

juventude que reside nas comunidades do entorno do campus Itaperi, da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

sentenciar e definir o objeto a seu modo. Essas concepções e práticas foram também as grandes responsáveis pelos processos de colonialismo existentes até hoje.

Destarte, este trabalho pretende compreender a noção de teoria e a de teoria da linguagem com base na perspectiva ocidental e buscar refletir: Como se estruturou a proposta de uma teoria da linguagem? Qual é a noção de teoria que herdamos para as diversas ciências? Como articular novos aportes teórico-metodológicos para os estudos da linguagem que considerem a importância da relação entre sujeito e objeto? Para justificar o nosso objetivo geral, buscamos os seguintes específicos: 1) compreender as noções de teoria e teoria da linguagem a partir de pressupostos filosóficos e linguísticos; 2) expor de forma geral as diversas noções sobre teoria e teoria da linguagem e 3) apresentar algumas propostas teórico-metodológicas sobre os estudos da linguagem que considerem a importância da relação sujeito-objeto para a produção coletiva de conhecimento.

A motivação para este estudo surgiu de algumas reflexões geradas nas disciplinas de Introdução à Linguística Aplicada, Estudos do Texto e Introdução à Pragmática, do mestrado acadêmico em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do meu engajamento enquanto participante do Programa de Extensão Viva a Palavra. Além disso, de uma leitura que fiz a partir do artigo da linguista Cristina Magro, intitulado: *O que é uma Teoria da Linguagem*, publicado na obra *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência* (1998). Neste sentido, preocupar-se com questões sobre teoria e linguagem é perceber a nossa implicação como sujeitos da/na linguagem e, a partir dessa compreensão, refletir, agir e refletir, reconhecendo os estudos da linguagem imbricados em formas de vida e presentes no contexto social e cultural dos sujeitos.

Desse modo, a estrutura da nossa exposição está dividida na seguinte ordem: na introdução apresenta-se as informações gerais do nosso estudo, no segundo tópico e em sua subdivisão, desenvolve-se uma crítica sobre a tradição originária da teoria da linguagem, que considerou por muitos séculos um sujeito individualizado da linguagem. Em contraposição, chegamos à noção de que a linguagem é um processo complexo e encantador, sendo necessário levar em consideração o sujeito dialógico constituído na linguagem e, principalmente, enfatizar a ação, o fazer e as diversas interações próprias da experiência

sociointeracionista (MORATO & GONÇALVES, 2004), seja da linguagem ou da linguística. No terceiro tópico, discorreremos sobre os problemas ocasionados pela noção de *teoria*, que teve suas bases alicerçadas numa vertente ocidental eurocêntrica e excludente. Considera-se que a separação entre sujeito e objeto contribuiu negativamente para o surgimento diversos problemas, como: colonizações, produções de violências, negação das culturas dos diversos povos, violência e negação das línguas de diversos povo entre outras questões. Por fim, no quarto tópico apresentamos de um modo geral a proposta da Pragmática Cultural como possibilidade teórico-metodológica nos estudos da linguagem, que consideram os sujeitos sociais da linguagem e as suas gramáticas de resistência e, a partir disso, propõe processos de mudança social a partir dos recursos linguísticos dos sujeitos, grupos, coletivos e movimentos sociais que vivem em comunidades periféricas de Fortaleza-CE.

Chegamos à consideração de que, pensando de outra forma, estudos baseados na Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010) e na Pragmática Cultural (ALENCAR, 2019), articulados com a proposta da cartografia (DELEUZE & GUATTARI, 1980), podem contribuir para pensarmos outras formas de trabalhar uma teoria da linguagem que considere a produção de sentidos e significados com foco nos falantes, estabelecendo uma relação de aprendizagem e produção de conhecimento, em que sujeito e objeto se entrelaçam no processo de viver e aprender, fazendo surgir a concepção de sujeito-sujeito. Essa concepção visa produzir o diálogo com os sujeitos e, a partir da fala e dos sentidos que são produzidos com/por eles/elas, estabelecer uma relação de aprendizagem e horizontalidade na produção do conhecimento linguístico. Além dos estudos da Nova Pragmática e da Pragmática Cultural, podemos citar a proposta da teoria dialógica do discurso (BRAIT, 2006). De acordo com Paula (2013, p. 251), Brait concebe os estudos da linguagem empreendidos pelo Círculo de Bakhtin como formulações em que o conhecimento é concebido de forma viva, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos.

Insatisfação e recusa à noção imposta sobre o que seja uma teoria da linguagem

Em seu artigo *O que é uma teoria da linguagem* (1998), publicado oficialmente na obra *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*, a linguista Maria Cristina Magro (UFMG) problematiza alguns aspectos que consideramos importantes no que diz respeito a uma possível teoria da linguagem. O estranhamento parte da crítica tanto à noção de *teoria* como uma estrutura enrijecida para fundamentar uma determinada ciência, quanto à noção de linguagem enquanto uma ciência normativa construída ao longo dos séculos XIX e XX, se levarmos em consideração a obra *Sistema da Conjugação do Sânscrito*, de Franz Bopp (1791-1867), e o famoso e conhecido clássico *Curso de Linguística Geral*, do filósofo e linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913).

Não obstante, estudos de autores clássicos como Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Santo Agostinho (354-430 d.C.), Giambatista Vico (1668-1744), Friedrich Wolf (1759-1824), Willian Whitney (1827-1894) e outros filósofos, filólogos e linguistas já tinham tratado o tema da linguagem e da linguística por meio de outros tipos de abordagem. Por enquanto, seguiremos com algumas reflexões de Ferdinand de Saussure sobre linguagem e linguística para, posteriormente, situar a nossa problematização. Vale salientar que Saussure fez questão de privilegiar o indivíduo falante-ouvinte da língua. Todavia, isso não invalida as suas grandes e importantes contribuições para o estudo científico da linguagem humana.

Para Saussure, a língua faz a unidade da linguagem. Sobre a individualidade, o próprio Saussure (2021, p. 43) postula que “para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, é necessário colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala”. Porém, não foi apenas Saussure que trouxe essa concepção individualizada e solitária da linguagem centrada no indivíduo, uma vez que Noam Chomsky, no século XX, fez questão de pensar e propor um falante ouvinte idealizado, deixando a esfera social às margens. Chomsky (apud RAJAGOPALAN, 2010, p. 34) refere-se “[...] ao fato de as regras da linguagem serem regras públicas, isto é, na verdade, um fato contingente. Percebe-se que na citação, a concepção das regras da linguagem como contingente é algo meramente incerto e acidental. Nesse sentido, as reflexões de Saussure e Chomsky

são preocupantes porque colocam o individual(mental) à frente da esfera social e cultural na qual a linguagem está inserida.

Saussure (2012, p.31) enfatiza que a ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três longos momentos, a saber: 1) a gramática de origem grega; 2) a filologia com escola tradicional em Alexandria; e 3) a filologia comparativa e a gramática comparada de Franz Boop (1791-1867). Estes são alguns pressupostos importantes para compreendermos que os estudos sobre a linguagem enquanto ciência exercem uma longa tradição e que durante essa construção, tentou-se focalizar o contexto da linguagem sempre partindo da mente de um indivíduo isolado do todo. No momento, como não pretendemos adentrar nesta seara dos clássicos, optamos por seguir a discussão a partir da noção de linguagem constituída com o surgimento de uma ciência linguística dos séculos XIX e XX.

Nesse contexto, Magro (1998) coloca-se enquanto uma pessoa cética em relação às teorias da linguagem, devido à forma como essas duas categorias (*teoria e linguagem*) são compreendidas a partir dos estudos científicos tradicionais da linguagem, ou seja, a tradição de vertente ocidental. A linguista expressa sua crítica inicial com a seguinte reflexão: “Sou cética tanto com relação à sua utilidade, quanto à sua relevância para a explicação do aparecimento, da dinâmica e das relações deste fenômeno” (MAGRO, 1998, p. 1).

Na reflexão de Magro, a linguagem não pode ser compreendida como um simples fenômeno enquadrado dentro de qualquer esquema/sentença de ordem teórica, científica e mental, pelo fato de a linguagem fazer parte de uma esfera abrangente de complexidades e encantamentos que envolvem os indivíduos em todas as esferas, sejam científicas ou não e, sobretudo, num contexto social, cultural e situado.

As categorias *dialogico* e *recursivo* na citação a seguir são fundamentais para compreender que “os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura” (MORIN, 2010, p. 95). Essas interações rompem com a ideia anterior de Saussure, de um sujeito individualizado da/na linguagem.

[...] o problema que se nos coloca diz respeito a um fenômeno complexo e encantador como a linguagem. Complexo, porque nos envolve de maneira indelével em todos os nossos afazeres, científicos ou não, conduzindo, guiando, configurando nossas ações, nossa história e nossos mundos. Encantador, porque em nosso modo de viver tipicamente humano caracterizado pela presença ubíqua da linguagem, num exercício dialógico recursivo, produzimos a nós mesmos enquanto seres racionais e conscientes, o mundo que vivemos e sobre o qual falamos, e ainda o próprio modo de falarmos (MAGRO, 1998, p. 177).

Compreende-se que, ao conceber a linguagem como um processo complexo e encantador, Magro propõe pensar a linguagem levando em consideração o sujeito dialógico constituído na linguagem e, principalmente, destacando a ação e o fazer, as diversas interações próprias da experiência sociointeracionista (MORATO & GONÇALVES, 2004), seja da linguagem ou da linguística. Mais adiante, a linguista enfatiza a importância dos processos dialógicos que fazem parte da nossa experiência com o mundo em que vivemos, seja quando falamos, escrevemos, escutamos, partilhamos e, sobretudo, quando falamos do mundo em que vivemos.

A separação sujeito e objeto, essência e existência no contexto da linguagem e da linguística.

Valendo-se de Rorty (1979; 1987; 1988; 1994), Magro (1998) destaca que sua desconfiança e estranhamento em relação aos estudos científicos tradicionais da linguagem partem da própria separação entre sujeito e objeto, essência e existência ou essência e aparência que compõe o tecido do pensamento ocidental. Aqui percebe-se, de início, uma refutação ao modelo de ciência constituído a partir do pensamento eurocêntrico, que serviu e ainda serve de base para a fundamentação dos diversos conhecimentos, seja nas ciências naturais, sociais, exatas, tecnológicas, humanas e sobretudo da linguagem.

É importante deixar claro que não estamos negando nem execrando as contribuições do pensamento ocidental para as diversas ciências. O que pretendemos é trazer à baila alguns questionamentos iniciais sobre os problemas que esse tipo de pensamento produziu ao longo de séculos, sobretudo quando falamos em linguagem. De acordo com o linguista Rajagopalan (2010), houve uma

forte tendência entre os linguistas de reificar⁴ a linguagem e vê-la como um fenômeno puramente mental e, como tal, atributo de um único indivíduo já existente. Aqui podemos perceber uma visão representacionista da linguagem, bastante criticada pelo segundo Wittgenstein⁵ (1889-1951) e outros filósofos e linguistas.

Podemos supor que esse indivíduo (douto) isolado é o mesmo que buscou explicar por diversos séculos a essência do mundo e das coisas a partir de suas construções mentais (especulação) e relegou, muitas vezes, a esfera social e o próprio uso da linguagem. Buscou uma essência por trás das palavras e tentou extrair e definir a verdade com base na chamada semântica tradicional e nas sentenças lógicas. Thomas Ransom Giles (1937-2009), na obra *Introdução à Filosofia* (2000), problematiza esse contexto, destacando um suposto método para toda a teoria especulativa. Até a segunda metade do século XIX, o método para toda a teoria e especulação era o binômio aritmética-geometria euclidiana. No último caso, tratava-se de um sistema de axiomas considerados indubitáveis e de teorias deduzidas desses axiomas por um processo de raciocínio lógico rigoroso (GILES, 1979, p. 15).

O próprio Marx (1818-1883), ao tratar sobre *a essência da concepção materialista da história, ser social e consciência social*, na obra *A ideologia Alemã*

⁴ O termo *reificar* vem do alemão *reificação* (*Verdinglichung*) e foi difundido a partir dos estudos de filósofos e sociólogos marxistas, como: Horkheimer (1895-1973) Adorno (1903-1969) Lukács (1885-1971) Marcuse (1898-1979), ambos do Instituto para Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) Escola de Frankfurt. Neste sentido, reificação no contexto do modo de produção capitalista tem a ver com o “trabalho” que dentro do sistema capitalista é tido como um simples atributo de alguma coisa. É importante ressaltar que Marx (1818-1883) já havia cunhado o termo a partir da sua obra: *Das Kapital: kritik der politischen Oekonomie* (1867).

⁵ Diversos pesquisadores/as em Filosofia da Linguagem e Linguistas, como: Gilbert Ryle (1900-1976); Richard Rorty (1931-2007), Virgílio Cutter (USP), Claudiana Alencar (UECE), Manfredo Oliveira (UFC) e outros//as, apresentam Wittgenstein a partir de dois momentos: seus escritos de juventude e os textos da maturidade. Assim, o primeiro Wittgenstein é concebido pelos seus estudos a partir da obra clássica, *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1921/1994). De um modo geral, nessa obra o autor considera a linguagem como figuração(representação) da realidade. O segundo Wittgenstein que está situado a partir da obra *Investigações filosóficas* (1953), rompe com algumas concepções do *Tractatus* e passa a conceber a linguagem não mais como figuração da realidade, mas como ação a partir dos diversos jogos de linguagem, a linguagem para o segundo Wittgenstein é a expressão de diferentes formas de vida.

(1846), deixou claro que “a produção das ideias, das representações, da consciência está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real” (MARX, 2009, p. 31). Embora a preocupação central de Marx tenha se voltado, inicialmente, para questões filosóficas e, posteriormente, para a economia política clássica, e não para a linguagem, outros autores, como Volóchinov (1895-1936), buscaram pesquisar sobre Marx e a linguagem a partir da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929 e 1930).

Mais adiante, no século XX, o segundo Wittgenstein (1991, p. 55) critica com sabedoria os chamados essencialismos colocados na linguagem: “quando os filósofos usam uma palavra — ‘saber’, ‘ser’, ‘objeto’, ‘eu’, ‘proposição’, ‘nome’ — e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe”? Segundo Oliveira (2006), Platão toma posição a respeito da essência da linguagem humana, que se tornou a concepção fundamental da linguagem no Ocidente, da qual hoje, com muito esforço, estamos nos libertando.

Contudo, não se pode negligenciar a questão sobre *essência e existência* ou *essência e aparência*; é importante destacar algumas questões iniciais. Quando se fala em essência e existência e o pensamento ocidental, é fundamental situá-lo em alguns pressupostos fundantes. Ressalta-se que o debate sobre *essentia et existentia* possui um terreno alicerçado na metafísica, sobretudo a partir da tradição patrística e escolástica que compreende o intervalo entre os séculos IV e XVI. Tais estudos partem da tradição e da herança platônica e aristotélica, que influenciaram o chamado pensamento cristão e filosófico, principalmente no contexto da Filosofia Medieval. Estudos como os de Guilherme de Auvernia (1180? - 1191? - 1249), na obra *De Trinitate* (Na trindade ou sobre o primeiro princípio), trataram sobre questões de *essência e existência*, principalmente destacando a existência de Deus.

Destacam-se também as contribuições de Avicena (980-1037) e Maimônides (1138-1204). Para este último, em sua obra *Guide des égarés* (Guia dos perplexos), a existência é considerada apenas como um acidente da essência. Por fim, temos as contribuições de Santo Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274), que

compreendiam a essência presente nos significados das coisas, sejam significados essenciais ou substanciais, ou seja, tudo que está expresso na definição das coisas.

Nesse sentido, quando Magro (1998) destaca as reflexões sobre a crítica de Richard Rorty (1931-2007) em relação à separação que ocorre entre essência e existência no pensamento ocidental e no campo da linguagem, ambos estão falando dessa longa tradição clássica e segregacionista da linguagem, que nasce no pensamento greco-romano, passa pela tradição teológica e metafísica e desemboca na chamada contemporaneidade do século XIX e XX.

Desse modo, quando a linguista destaca a sua insatisfação sobre a linguagem e os linguistas, está também refutando a longa tradição que colocou a linguagem no ostracismo, privilegiando os chamados essencialismos, negando as formas de vida que se encontram situadas na própria linguagem da vida humana. Tais essencialismos foram refutados pelo segundo Wittgenstein (1991, p. 56), quando este afirma que “uma fonte principal de nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. Falta caráter panorâmico à nossa gramática”. De acordo com Bruni (1991, p. 56), “o caráter panorâmico (*Übersichtlichkeit*) designa clareza e representação clara”.

Cristina Magro (1998) é enfática ao destacar a importância dos ecos de trabalhos de outros filósofos e linguistas que refutaram essa noção limitada do pensamento ocidental, inclusive, referenciando Wittgenstein:

[...] minha insatisfação sobre a linguagem e os afazeres dos linguistas eram ecos de trabalhos de pessoas como Nietzsche, Wittgenstein, Davidson e o que me pareciam fragmentos de uma insatisfação generalizada eram retalhos de um tecido ricamente imbricado, do qual Rorty vem criativamente exibindo o avesso, os arremates e os nós. (MAGRO, 1998, p. 1-2).

A insatisfação de Magro pressupõe uma crítica sobre como a linguagem foi concebida ao longo dos séculos, passando por autores e textos clássicos da filosofia, como o famoso diálogo de Platão, intitulado *Crátilo*, e, posteriormente, o *Organon*, de Aristóteles, principalmente no segundo livro, intitulado *De interpretatione*. Vale ressaltar que, nessa obra, as palavras são concebidas apenas como símbolos do pensamento. No diálogo *Crátilo*, o filósofo compara a linguagem a um mero instrumento, em que as estruturas gramaticais servem para dar sentido à estrutura

ontológica. De acordo com Platão (*apud* Oliveira, 2015), se os nomes podem ser verdadeiros ou falsos e se temos a possibilidade de decidir sobre isso, então deve haver algo que nos revela, sem os nomes, que nomes são verdadeiros ou não. É possível, portanto, conhecer as coisas sem os nomes.

Percebe-se que, na proposta de Platão, mais uma vez os nomes e palavras servem apenas como uma base para alcançar algo maior, ou seja, a essência que está situada atrás da palavra. Para um iniciante nos estudos da linguagem, essa preocupação sobre a relação entre *essência* e *existência* presente na linguagem e na tradição filosófica pode parecer algo supérfluo; porém, tal questão envolve algo fundamental e preocupante: a negação da experiência social da/na linguagem e a constituição social dos sujeitos, presentes na própria linguagem.

Em vias mais simples, a ideia de separar sujeito e objeto no campo da linguagem e da linguística é, ao mesmo tempo, destruir o significado dos sujeitos, em detrimento de considerar e conservar apenas o significado conceitual daquele que define o significante. Como situamos nos parágrafos anteriores, nessa concepção, a palavra e o sujeito social portador da palavra não possuem lugar de importância. O que importa é a essência que se extrai da palavra; depois de se extrair a essência, a palavra e o sujeito social da palavra, que foram usados, são descartados. Nessa concepção, segundo Rajagopalan (2010, p. 34), a sociedade é vista como nada mais do que um pano de fundo contra o qual o indivíduo é escolhido para ser focalizado. O linguista segue problematizando a visão autonomista no campo da linguagem.

De acordo com Newmeyer (1986, p. 5-6 *apud* RAJAGOPALAN, 2010, p. 34), os defensores do autonomismo abordam a linguagem da maneira como um cientista natural estudaria um fenômeno físico, isto é, centrando-se nas propriedades existentes, excluindo tanto as crenças e valores dos falantes individuais da língua quanto à natureza da sociedade em que a língua é falada. Segundo Agha (2007), (*apud* SILVA, 2015 p. 357), os estudos modernos da linguagem foram fundados por um método extracionista de análise, tendo como fundador o linguista Ferdinand de Saussure.

Silva (2015), parafraseando Bakhtin (1895-1975) e Volóchinov (1895-1936), no artigo '*A propósito de linguística aplicada*' 30 anos depois: *quatro truísmos correntes*

e *quatro desafios*, fala na metáfora da linguagem como cadáver a ser dissecado pelo estudioso (douto). Podemos trazer como exemplo a separação feita por Saussure, quando o linguista dicotomiza a *langue* da *parole*. Conforme Silva (2015, p. 357), “Saussure circunscreve neste domínio heterogêneo um núcleo puro, autônomo e homogêneo – a *langue* –, independente e distinto das contingências indexicais da realização individual desse fenômeno – a *parole*”.

Compreende-se que o problema de uma teoria da linguagem centrada numa visão dominante e focada exclusivamente na mente de um sujeito puro e apartado da esfera social e cultural da qual a linguagem e a linguística fazem parte, é um tanto nocivo a propostas que consideram tanto sujeito como objeto enquanto potencialidades criativas que contribuem para tornar os estudos da linguagem mais próximos das realidades sociais e, principalmente, para produzir novos devires que possam contribuir para transformar a própria esfera social.

Até o momento, não discorremos sobre algo novo; pelo contrário, o assunto já foi problematizado por diversos pesquisadores e pesquisadoras. Porém, retornar ao debate sobre as noções de teoria e linguagem, além do problema central sobre o indivíduo soberano da linguagem que define o mundo e as coisas, presentes no mundo, é fundamental para situarmos a necessidade de se considerar a linguagem como forma de vida que se desenvolve pela interação e pelas contradições dos sujeitos da linguagem. Assim, concordamos com Silva (2015, p. 360) quando problematiza que o pensamento modernista sobre a linguagem nasceu e ainda se sustenta sobre a tese de que as visões leigas sobre a linguagem devem ser desconsideradas se o que se deseja é uma descrição científica da significação.

Ação-reflexão-ação: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis

De um modo geral, podemos situar a Pragmática Cultural a partir dos estudos de (ALENCAR, 2015, 2019, 2020, 2021) que a compreende como uma proposta de pesquisa participante e interventiva, situada a partir da linguística aplicada e que traz em suas bases teórico-metodológicas as contribuições dos estudos do segundo (WITTGENSTEIN, 1991) que compreende a linguagem como forma de vida, as reflexões de (J. L. AUSTIN, 1990) e a proposta de atos de fala que reconhece que

podemos fazer coisas com as palavras. Outrossim, temos os estudos de (RAJAGOPALAN, 2010) sobre a Nova Pragmática; a antropologia simétrica de (LATOUR, 1994), os estudos culturais (WILLIAMS, 2007), as pesquisas sobre violência urbana (ZALUAR, 1983; CALDEIRA, 2000; FELTRAN 2017), elencado aos estudos sobre juventudes (ABRAMO, 2005, CALVO, 2005, PAIS 1993, GROppo, 2015), e as contribuições de (FREIRE, 1982), quando traz a perspectiva da palavra-mundo. Continuamos a nossa reflexão a partir das seguintes considerações da autora:

[...] levo em conta a ideia da significação como uso linguístico e como ação, de L. Wittgenstein, e as noções de palavra mundo e círculo de cultura, de Paulo Freire, para propor um desenho metodológico para a Pragmática Cultural, proposta de pesquisa linguística que procura “atravessar a rua” que separa a academia das práticas e saberes culturais e populares (ALENCAR, 2015, p. 141).

A Pragmática Cultural tem sido vivenciada e articulada a partir da experiência do Programa de Extensão Viva a Palavra⁶ no bairro Serrinha⁷ em Fortaleza, tendo como ponto de partida o reconhecimento dos saberes culturais, sociais e linguísticos locais, e o diálogo com os diversos coletivos juvenis e movimento sociais que constituem esse território. A questão central é aprender com as gramáticas de resistência produzidas na própria comunidade.

Defendo que os processos educativos, políticos e culturais vivenciados na extensão comunitária e pesquisa participante ali realizada constituem gramáticas de resistência e reexistência juvenis da periferia (ALENCAR, 2019, p. 242). Para isso, é importante destacar que a palavra dos sujeitos é o ponto de partida para a construção de intervenções que interligam: linguagens, práticas sociais, problemas sociais e comunitários e sobretudo, a produção de formas e possibilidades de

⁶ O programa de Extensão Viva a Palavra teve início na disciplina de prática como componente curricular, intitulada no Curso de Letras, do Centro de Humanidades da UECE, como Projeto Especial.

⁷ Bairro periférico situado no território (19) da Secretaria Executiva Regional 8 de Fortaleza com IDH na média de 0,28, considerado como baixo. Fonte: Anuário do Ceara, 2022. Disponível em: < <https://www.anuarioceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

transformações de cenários desafiadores por meio do domínio linguístico dos sujeitos.

De acordo com Alencar (2021), [...] o programa tem provocado a universidade para reconhecer os saberes e a arte produzidos pelos coletivos culturais e movimentos sociais da periferia, trazendo a produção poética periférica para os seus currículos, realizando aulas, eventos e ações nos bairros periféricos. Percebe-se que a proposta da Pragmática Cultural enquanto teoria e prática nos estudos críticos da linguagem, problematiza a importância do diálogo e a produção do conhecimento com os sujeitos comunitários e provoca a importância de se desenvolver pesquisas na área da Linguística Aplicada que possam apresentar verdadeiramente relevância social, além de produzir conhecimento para gerar transformações sociais.

Cada vez mais os estudos em Linguística Aplicada dão ênfase às reflexões sobre o papel da linguagem na busca de resolutividade para os problemas sociais na contemporaneidade. Os trabalhos de Rajagopalan (2003; 2010), Fabrício (2006) e Moita Lopes (2006) defendem que a pesquisa em Linguística Aplicada precisa urgentemente constituir uma postura reflexiva e indagadora frente aos fenômenos do cotidiano do mundo moderno e aos problemas gerados pela globalização (ALENCAR; SOUSA; BRITO, 2020, p. 202).

107

A construção do Programa Viva a Palavra que faz parte da Faculdade de Letras da (UECE) foi sendo delineada a partir de encontros que ocorreram na comunidade Serrinha em meados de 2015 e 2016. A provocação inicial para a existência do mesmo surgiu a partir das narrativas de pessoas da comunidade que participavam desses encontros, especialmente as juventudes. Dentre as diversas narrativas, surgiram algumas que foram centrais como: as situações de violência enfrentadas pelas juventudes; questões ambientais; o acesso à universidade e outras. Sobre essas narrativas podemos destacar a reflexão de Alencar (2018), que relata como foi afetada por diversas falas dos sujeitos comunitários.

O meu primeiro contato com a juventude da Serrinha aconteceu quando eu era diretora de extensão e participei do evento UECE e as lideranças comunitárias do seu entorno. Lá conheci um jovem representante da Caravana da Periferia, uma frente de luta contra o extermínio da juventude pobre e negra na periferia de Fortaleza. Na voz daquele jovem e nas de outros participantes dos

movimentos culturais juvenis da Serrinha, como o movimento político Cultural Ensaio Rock, o movimento Hip Hop, a estratégia Cirandas da Vida, encontrávamos a resistência à violência instaurada contra os jovens da cidade. Ele dizia: “o direito à vida se torna privilégio de uma elite, enquanto é ofertado para os jovens, negros e moradores da periferia, apenas a morte e o cárcere”. As falas proferidas naquele evento apontavam para a necessidade de enfrentamento à violência e de inclusão social dos(a)s jovens em territórios atingidos pelos altos índices de violência, como a Serrinha (ALENCAR, 2018, p. 114-115).

As reflexões dos sujeitos reais em contexto de violência comunitária e, as palavras expressas pelos mesmos, foram o ponto de partida para a proposta de uma ação que unisse o saber comunitário e o acadêmico em contraposição as questões de vulnerabilidade social que foram externalizadas pelos sujeitos locais.

Entende-se que a ação dos encontros, elencados as palavras e as narrativas reais dos sujeitos, não são entendidas pela Pragmática Cultural como sentenças a serem analisadas, codificadas e definidas como meros conceitos, como se faz em análises de cunho semântico e sintático ou em algumas teorias do discurso. A Pragmática Cultural considera que muitas vezes, as narrativas que podem estar situadas em diversos jogos de linguagem, não são apenas sentenças ou proposições para serem codificadas por um sujeito cognoscente.

As narrativas, assim como a palavra entendida como ação, movimentam futuras ações e intervenções que precisam ser produzidas como forma de superação das situações desafiadoras do cotidiano. Sobre a concepção de palavra como ação e forma de vida do cotidiano, podemos articular as contribuições do segundo Wittgenstein e posteriormente de J. L Austin. De acordo com Oliveira (2006), o filósofo britânico Austin continua de forma sistemática o projeto iniciado pelo L. Wittgenstein da obra *Investigações Filosóficas* (1953).

A segunda fase da filosofia de Wittgenstein significou um passo fundamental na superação da semântica tradicional, ou seja, do realismo linguístico. Critério decisivo para a determinação do sentido das expressões é, de agora em diante, o próprio uso das palavras, seu aparecimento nos diferentes jogos de linguagem, que são a expressão de diferentes formas de vida (OLIVEIRA, 2006, p. 149).

Sobre a continuidade do projeto de Wittgenstein por Austin sobre a noção da palavra como uso ou ação nos diversos jogos de linguagem, podemos observar que:

Faz-se necessário, em vista da infinitude de usos da linguagem, tentar uma certa sistematização para se poder captar, com maior clareza, as diferentes funções da linguagem humana. Essa ordenação dos usos da linguagem é efetuada a partir da pergunta: que se pode fazer com uma expressão linguística, ou seja, que é um ato de fala? Para Austin, um ato de fala qualquer, mesmo o mais simples, é uma realidade complexa, contém muitas dimensões (OLIVEIRA, 2006, p. 157).

Todavia, não foram apenas Wittgenstein e Austin que compreenderam a perspectiva da linguagem e da palavra situada nos contextos sociais do cotidiano. O educador popular Paulo Freire (1921-1997) trilhou um caminho importante para descortinar a concepção de linguagem como práxis humana e mais que isso, como palavra-mundo que surge por meio de narrativas críticas e políticas sobre questões sociais que precisam de mudança.

De acordo com Alencar (2019), a noção de linguagem como práxis foi nos trazida por Paulo Freire (1989) quando nos falava da palavra-mundo, palavra-realidade, ao nos alertar sobre a relação entre leitura do mundo, a leitura da vida, com a leitura da palavra. Do ponto de vista crítico, possivelmente, para uma/uma linguística clássica, o mesmo iria apenas analisar e tratar as narrativas trazidas pelas juventudes como sentenças a luz de alguma teoria discursiva sem ter uma proposta concreta de intervenção que pudesse contribuir para diminuir a problemática levantada pelos sujeitos. Ou, sem considerar que a palavra desses sujeitos faz parte da sua situação social concreta, do seu mundo e da possibilidade de transformação do mesmo.

Desse modo, a proposta da Pragmática Cultural rompe com a ideia e a prática de determinadas teorias da linguagem que propõem uma crítica social, mas que no fim, acabam que por ficar apenas na análise de proposições. Não obstante, a possibilidade da Pragmática Cultural enquanto proposta teórico-metodológica de pesquisa participante de caráter interventivo e social por meio das práticas linguísticas dos sujeitos comunitários, poderá contribuir para mudança de cenários comunitário que gritam por mudanças. Isso não significa dizer que a Pragmática Cultural será a melhor possibilidade, não se trata disso. Entende-se que o significado mais importante é trazer a dimensão da linguagem para o lugar do território, para o chão da vida e dos sujeitos. É por isso que Alencar nos alerta que:

[...] é preciso estudar os modos de vida juvenis e para a produção de seus territórios de existência; territórios que reclamam uma cartografia que supere tanto o seu apagamento, enquanto cidade informal, do planejamento de políticas públicas, quanto à hegemonia discursiva dos mapas socialmente esmagadores traçados sobre as juventudes nas páginas policiais da grande mídia. É preciso tecer mapas a partir das rotas culturais juvenis das periferias, conhecer seus jogos de linguagem, escutar a sua perspectiva, ouvir suas dores, suas angústias e indecisões (ALENCAR, 2019, p. 245).

Por fim, a Pragmática Cultura em jogos de linguagem que se situam a partir do Programa de Extensão Viva a Palavra vem sendo articulada por meio de algumas ações que consideramos importantes: 1. Cursinho pré-vestibular popular Viva a Palavra; 2. Movimento de Saraus; 3. Ações cenopoéticas; 4. Biblioteca popular; 5. Atividades extensionistas, além da articulação em rede com movimentos sociais do bairro como: Amorbase; Círculos Populares; Movimento Lagoa de Itaperaóba, etc.

A teoria da linguagem aqui é compreendida e vivenciada de outra forma, a noção de teoria da Pragmática Cultural não é uma *theorein* do grego que significa olhar através de, como um espectador/observador. Não se trata disso, a proposta fundamental situa-se a partir do *pragma* que tem como possibilidade o agir e o fazer, contudo, um agir e fazer sempre crítico e reflexivo. Também não é mera prática pela prática, nem um empirismo de origem britânica, é antes de tudo, uma prática social linguística, mediada pelo diálogo e o compromisso com os sujeitos sociais e os seus territórios constituídos de palavras de paz, esperança e transformação.

Considerações finais

Compreende-se que uma teoria de vertente ocidental tem como fundamento extrair a essência dos fenômenos que ocorrem na objetividade da natureza e das relações sociais e, a partir dessa extração, definir o que seja realmente perfeito e verdadeiro e excluir o que é supérfluo e desprovido de alma. Fazendo uma comparação com a área de estudos da linguagem, podemos notar como exemplo que as palavras e as expressões linguísticas, nessa concepção de teoria, são também meros objetos do entendimento humano, que necessitaria de uma determinação e designação da mente do sujeito que significa o dado significado. Seria o

cognoscente definindo o cognoscível. Assim, mais uma vez, as formas de vida presentes na linguagem são colocadas como meros apetrechos e detrimento de uma busca pelo elemento essencial.

Os essencialismos na linguagem são problemáticos pelo fato de a linguagem ser um fenômeno complexo e mutável. Isto significa que a linguagem ou a linguística, enquanto ciência, não poderá ser enquadrada numa visão normativa, como o fez Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*. O linguista construiu definições e estruturas para enquadrar a língua, a fala e, sobretudo, a linguística dentro de regras fechadas, assim como o fez com a concepção de língua. De acordo com Saussure (2012), a língua é definida como o produto social depositado no cérebro dos indivíduos e esse produto se torna diferente de acordo com os diversos grupos linguísticos.

Neste sentido, questionar e refutar a noção de teoria tradicional e teoria da linguagem a partir de uma vertente ocidental é perceber que os essencialismos e as regras estabelecidas pela normatividade teórica foram responsáveis por definir as línguas de países asiáticos, africanos e latino-americanos por parte dos europeus, além de incentivarem os diversos genocídios culturais, quando usam da prerrogativa de sentenciar e definir o objeto a seu modo.

Por fim, apontamos outras possibilidades teórico-vivências no campo de uma teoria da linguagem a partir da Pragmática Cultural que procura romper com uma perspectiva essencialista da linguagem, atuando a partir de situações reais e reconhecendo as formas de vida tão presentes nas ações dos sujeitos comunitários, vivenciando e aprendendo com as gramáticas culturais e principalmente de resistência dos grupos, coletivos, movimentos sociais e outros.

Referências

- ABAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALENCAR, C. N. De. “Tudo aqui é poesia: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana”. In: *Interdisciplinar*, São Cristóvão, 2019.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929/1992.
- CHOMSKY, N. A. *Rules and representantions*. Oxford: Brasil Blackwell, 1980.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Introdução, análise e notas de Etienne Gilson, tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes, 2011.
- GONÇALVES, A. V. *O fazer significar por escrito*. Selisigno – IV Seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação, v. único, p. 01-10, 2004.
- HEGEL, G. W. *Filosofia da história*. Tradução de Maria Rodrigues, Hans Harden. Brasília: UnB, 1999.
- KANT, I. *Über den Gemeinspruch: Das mag in der theorie richtig sein, taugt aber nicht für die práxis*. Creatspace independente publishing platform, 2013.
- MORATO, E. M. “O interacionismo no campo lingüístico”. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. V. 3, São Paulo: Cortez, 2004.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- PAULA, L. “Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso”. In: *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.21, n.1, p. 239-258, jan./jun.2013.
- PINTO, P. M et alii. *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte, Editora UFMG. 1998. p. 177-189.
- PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira: Lisboa, 2017.
- RAJAGOPALAN, K. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, D. N. “A propósito de lingüística aplicada 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios”. In: *Revista Delta*, PUC-SP, 2015.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova cultural, 1991.
- WITTGENSTEIN. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. Luiz H. L. Santos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.